

**A LÍNGUA PORTUGUESA NA FIXAÇÃO LITORÂNEA:
UM ESTUDO HISTOGRIOFRÁFICO**

Jefferson Lucena dos Santos¹

RESUMO

Este artigo discute sobre historiografia, seguindo os princípios da contextualização, imanência e adequação. É um estudo da organização linguística do século XVI, mais especificamente dos adjetivos e sentenças deste período, no “Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa, à luz da gramática de João de Barros e da gramática de Evanildo Bechara. Nesse caso, o princípio da imanência e da adequação são aplicados juntos, pois, à medida que colocamos as mãos no *corpus* verbal, atinamos a aproximação com a linguagem atual. O espírito de época é reconstruído, portanto o princípio da contextualização é respeitado. A pesquisa tem como objetivo realizar um estudo historiográfico, descrever e explicar como se adquiriu, produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico, inserido em um contexto histórico-científico por meio de um documento do século do século XVI.

ABSTRACT

This article discusses about historiography, following the principles of contextualization, immanence and adequacy. It is a study of linguistic organization of the 16th century, more specifically of the adjectives and sentences according to this period, in the “Diary of Navigation” of Pero Lopes de Sousa, guiding to the grammar of João de Barros and the grammar of Evanildo Bechara. In this case, the principle of the immanence and the adequacy are applied together, because as we put our hands on verbal corpus we remember the proximity with the present language. The spirit of the time is reconstructed, therefore the principle of the contextualization is respected. The research has the objective of making a historiography study, describing and explaining how the linguistic, produced and developed, inserted in a scientific-historical context by means of documents of the 16th century.

Palavras-chave: historiografia, linguística, língua, adjetivos, São Vicente

Key words: historiography, linguistic, language, adjectives, São Vicente

¹ Doutorando da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O presente artigo visa proceder a uma reflexão historiográfica sobre a Língua Portuguesa do século XVI. Para isso, selecionamos o *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532), que narra a fundação da Vila de São Vicente e Piratininga e os descobrimentos do Rio de Janeiro, do Rio da Prata e da Ilha de Fernando de Noronha.

Conforme Bastos & Palma (2008:14), o objeto da investigação

... pode ser considerado *metalingüístico* – por diversas características – ou *não-metalingüístico*. Dessa maneira, sendo um objeto metalingüístico (gramáticas, manuais didáticos, antologias, etc), estabelecemos as categorias a partir do próprio objeto (princípio da imanência), que são em seguida analisadas e discutidas...

Mais adiante,

Em se considerando objeto não-metalingüístico (lei, cartas, documentos oficiais, etc), selecionamos um instrumento, a saber, uma lingüística que seja compatível contemporaneamente ao objeto de estudo (princípio da imanência) e estabelecemos uma teoria posterior a ele que permitirá o cotejo com os pontos observados, de acordo com o princípio da imanência (princípio da adequação). (BASTOS & PALMA, 2008:15)

A partir da dicotomia *metalinguagem* e *não-metalinguagem*, entendemos ser possível um viés historiográfico no documento selecionado, diário de bordo, por se tratar de um objeto de *não-metalinguagem*.

Portanto, temos como objetivo descrever e explicar como se adquiriu, produziu e desenvolveu o conhecimento lingüístico, inserido em um contexto histórico-científico por meio de um documento do século XVI.

Sendo assim, adotarmos uma postura de historiógrafo diante da produção oficial colhida na Vila de São Vicente, para dar credibilidade à pesquisa e evitarmos o uso exorbitante de terminologias, que conduz a uma variedade de problemas para a compreensão de teorias do passado, adotamos os princípios traçados por Koerner: *contextualização*, *imanência* e *adequação*.

- a) *princípio de contextualização* – traça-se o clima de opinião, observando a época em que o documento foi escrito (dados contextuais);
- b) *princípio de imanência* - levantamento de informações (produz efeito restaurador do passado e possibilita a compreensão do documento);
- c) *princípio de adequação* – possibilidade de o historiógrafo da lingüística reatualizar o documento.

Ao analisarmos o *corpus*, *Diário da Navegação*, buscamos o clima de opinião e levantamos informações necessárias para a compreensão do documento, visando à sua reatualização. Trabalhamos os princípios da *imanência* e da *adequação* juntos, acreditando facilitar a análise deste artigo.

A Expedição Portuguesa

A expedição portuguesa comandada por Gaspar de Lemos chegou aqui, em 22 de janeiro de 1502², deu à ilha o nome de São Vicente, pois o local era conhecido, até então, como Ilha de *Gohayó*³. Mas, somente em 1530, D. João III organizou e enviou uma esquadra à costa do Brasil, composta de cinco navios (a Nau Capitânea, os galeões São Miguel e São Vicente, e as caravelas Princesa e Rosa), com cerca de quatrocentos homens, cujo comando foi confiado a Martim Afonso de Souza. Um dos capitães de navio nessa esquadra foi Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso. As embarcações partiram de Lisboa em 03 de dezembro de 1530, de posse de um alvará assinado pelo Rei D. João III, com instruções acerca da posse de todo o território abrangido pelo Meridiano de Tordesilhas, doação de Sesmarias por uma vida, organização da Justiça e fundação de Feitorias.

Após percorrer a costa brasileira e navegar até a região do Prata, Martim Afonso finalmente aportou na ilha de São Vicente.

Quando Martim Afonso desembarcou na praia lá estavam, à sua espera, João Ramalho e Antônio Rodrigues. Os dois náufragos estavam casados com as filhas dos principais chefes indígenas da região: Ramalho vivia com Bartira, filha de Tibiriçá, o grande líder local dos Tupiniquins; Rodrigues se amancebara com a filha de Piquerobí, irmão de Tibiriçá. Piquerobí e Tibiriçá também se encontravam na praia – sinal evidente de que a chegada de Martim Afonso era um desembarque anunciado.

² *Gohayó* é um nome de origem Tupi para o particular acidente geográfico que é a Ilha de São Vicente.

³ Francisco Martins dos Santos, no Volume I do “*História de Santos*”, faz referência ao nome desde 1502, como ilha, porto e povoado, sob a denominação de San Vicentio, Sambicente ou Sam Vicente.

Pero Lopes de Sousa: um breve relato

Pero Lopes de Sousa nasceu em Lisboa (1497-1539), foi um militar português. Filho de família nobre, viveu na corte a infância e a juventude. Ainda jovem, tornou-se um navegador português.

Em dezembro de 1530, Pero Lopes partiu, com o irmão Martim Afonso de Sousa, em missão ordenada pelo rei Dom João III de Portugal para explorar terras brasileiras.

Em 1532 decidiu voltar a Portugal. Na viagem de volta enfrentou e aprisionou dois navios franceses em Pernambuco. Essa aventura acabou rendendo cinquenta léguas de terras no litoral do Brasil, oferecidas pela Coroa.

Provavelmente, em seguida, tenha realizado alguma viagem ao Brasil, quando a coroa lhe deu terras a capitanear e colonizar. De certo, porém, só se sabe que a 24 de março de 1539 partia para a Índia como capitão-mor de uma esquadra de seis navios em que iam por capitães dos navios: Simão Sodré, D.Roque ou D.Rodrigo Tello, Álvaro Barradas, Antonio de Abreu e Henrique de Sousa. (cf. VARNHAGEN, 1975).

Em 1539, ocupando o posto de capitão-mor de uma esquadra de seis navios, partiu de Lisboa para a Índia. E desta expedição em regresso dos mares indianos, capitaneando a nau “Gallega” ou “Esperança Gallega”, junto à ilha de “S.Lourenço” ou de Madagascar, seu corpo desapareceu no mar.

Na viagem com o irmão, 1530, que Lopes escreve o Diário de Navegação narrando a fundação da Vila de São Vicente. Esse documento histórico português com relatos sobre o Brasil do século XVI é descoberto por Francisco Adolfo Varnhagen, em 1839, na Biblioteca de Ajuda.

Diário de Navegação – Pero Lopes de Sousa

A partir do objetivo exposto, selecionamos trechos do Diário de Pero Lopes de Sousa que demonstram a descrição dos fatos ocorridos no século XVI alusivos ao Brasil, tendo como categoria de análise os adjetivos em todas as suas manifestações na linguagem.

A fim de trabalhar com os princípios da *imanência* e da *adequação* juntos, olhamos a obra de Pero Lopes de Sousa com a visão do gramático do século XVI, João de Barros, e a do gramático do século XXI, Evanildo Bechara.

No Diário da Navegação (1964), Pero Lopes de Sousa narra:

Na era de 1530, sabado 3 dias do mês de dezembro, parti desta cidade Lixboa, debaixo da capitania de Martim Afonso de Sousa, meo irmão, que ia por capitam de hũa armada e governador da terra do Brasil: com vento leste saí fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste. (1964, p.13, grifos nossos)

Domingo 18 do dito mes, dia de Nossa Senhora ante Natal, andamos em calma sem ventar bafo de vento; senam grande vaga de mar, que vinha do sudoeste; e os ceos corriam muito tesos do mesmo rumo. (1964, p.14, grifos nossos)

Numa primeira leitura da obra, detectamos que o autor – Pero Lopes de Sousa – faz uma descrição minuciosa dos fatos. Nos fragmentos é perceptível o uso de adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas, adjuntos adverbiais e figuras de linguagem, possibilitando assim ao leitor uma visualização dos acontecimentos diários.

No século XVI,

[...] houve a introdução de adjetivos eruditos em *il*: *ágil, fácil, fértil*, que mantêm a mesma terminação, e outros como *affabil, implacabil, incansabil, terribil, volubil* etc. (PAIVA, 1988, p. 24)

Existiam também muitos adjetivos em *oso* que caíram em desuso: *omyldoso* ou *humildoso* (humilde – D. Duarte); *sobervoso* (soberbo – Idem); *empachoso* (que põe embarço, que estorva – Idem); [...] (PAIVA, 1988, p. 24)

Quanto aos adjetivos, encontramos no decorrer da obra os seguintes: *forçoso, brando, calmo, grosso, grossa, rijo, vermelhas, cheia, tesa, sujo, fundo, grande, perigosa, dispostos, baxos, feo*, entre outros.

Quanto aos adjetivos terminados em *-oso*, na obra de Pero Lopes de Sousa, detectamos as seguintes ocorrências:

Quadro 1 – Adjetivos pinçados do Diário da Navegação

... perigosa... (p.27)	...saboroso... (p.51)
... forçoso... (p.30, 60 e 75)	...saborosas... (p.52)
...furioso... (p.34)	...fermosura... (p.58 e 64)
...fermosa... (pp.35, 51, 56, 58 e 59)	...saborosa... (p.59)
...fermoso... (p.51)	...perigosos... (p.61 e 68)

No Diário da Navegação, encontramos algumas ocorrências de adjetivos terminados em *-oso*. Segundo Paiva, no século XVI o uso desses adjetivos era bastante comum, porém eles caíram em desuso com o passar dos anos.

Refletindo sobre os adjetivos terminados em –oso, numa visão do homem do século XVI, Barros diz:

Este nome *fermoso* e *bravo* são adjetivos, porque não podemos dizer *fermoso* e *bravo* sem lhe darmos nome substantivo a que se encostem. E diremos *cousa fermosa*, *cousa brava*, por serem substantivos que não recebem em si outros. (BARROS, 1957, p. 6)

Na gramática de João de Barros não há referência quanto ao processo de formação de palavras, por meio de prefixo e sufixo; porém notamos que, ao fazer alusão aos adjetivos, Barros procura demonstrar a relação existente entre o substantivo – designado de nome, em sua obra, e o adjetivo.

Para o gramático, os adjetivos necessitam de um substantivo. Levando-nos, assim, a crer na relação sintagmática entre ambos, pois “[...] *fermoso* e *bravo* são adjetivos, porque não podemos dizer *fermoso* e *bravo* sem lhe darmos nome substantivo a que se encostem.” (BARROS, 1957, p.6).

Na visão do homem do século XXI, Bechara expõe:

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. (BECHARA, 2004, p.357)

[...]

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). (BECHARA, 2004, p.357)

Mais adiante,

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. (BECHARA, 2004, p. 357)

Sendo assim, percebemos que os adjetivos terminados em –oso são formados com o acréscimo do sufixo –oso. Semanticamente, esse sufixo apresenta-nos a ideia de qualidade em abundância, intensidade. Dessa forma, ao dizer *furioso*, *saboroso*, etc., Lopes estava demonstrando ao seu leitor a intensidade da força do vento, o gosto do pescado, pois *furioso* e *saboroso* diferem, enquanto significado, de a fúria do vento e o sabor do peixe. Evidentemente, o uso desse sufixo intensifica as descrições do autor do diário e promove ao leitor uma visualização pitoresca.

Posteriormente, Paiva acrescenta, ao tratar da gradação dos adjetivos:

O grau superlativo dos adjetivos forma-se com a antecipação de *mui* ou *muito* ao grau positivo do adjetivo. Ex.: “...*a muyto excellente Reynha dona Leonor sua molher...*” (*Leal conselheiro*);

Os superlativos sintéticos ainda são raros mesmo na primeira metade do século XVI e, quando aparecem, de modo geral são empregados para reis, príncipes, grandes personagens.

O advérbio *muito* formava o superlativo à semelhança do adjetivo: “...chorareys por my muy muyto...” (Cancioneiro Geral, II, p.161). (PAIVA, 1988, p. 44)

Analisando o Diário da Navegação (1964), detectamos o uso do *mui*:

Quadro 2 – Grau dos adjetivos retirados do Diário de Pero Lopes de Souza

... mui grosso... (p.14)	...mui grandes... (p.31)
... mui contrário... (p.16)	...mui grosso... (p.32)
...mui escasso... (p.19)	...mui bom... (p.33)
...mui grande... (p.27)	...mui altas... (p.35)
...mui feo... (p.30)	...mui mole... (p.45)

Ao selecionarmos as expressões acima, retiradas do *corpus* verbal, observamos o uso demasiado do grau superlativo dos adjetivos, característica do século XVI. Quanto aos superlativos sintéticos, não encontramos nenhuma ocorrência, ratificando assim as palavras de Paiva (1988, p. 44) ao afirmar que: “Os superlativos sintéticos ainda são raros mesmo na primeira metade do século XVI [...]”.

Em *Grammatica da Língua Portuguesa*, o gramático explica que

[...] pera falarmos pelo *modo superlativo*, que é o mais alto grau de priminência e ventagem que se pode dar a algua cousa, ajuntámos esta parte *mui* ou *muito* ao comparativo e dizemos: *Heitor foi muito melhor cavaleiro que Aquiles*. E assi fica *Heitor* louvado de cavaleiro em grau superlativo. (BARROS, 1957, p.10)

[...]

Verdade é que [em] alguns nomes que recebemos do Latim, vai a significação superlativa já formada, assim como *doutíssimo*, *sapientíssimo* e outros que o uso nos fez próprios. (BARROS, 1957, p.10)

As palavras de Barros evidenciam a distinção entre o grau superlativo analítico e superlativo sintético, assim como Paiva ao expor o uso demasiado do superlativo analítico no século XVI.

Quanto à utilização do grau dos adjetivos, Lopes estava promovendo uma descrição dos lugares, dos gentios, da fauna, da flora etc., superior aos conhecimentos dos portugueses.

Ao tratar da classe dos adjetivos em *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara também faz referência à gradação dos adjetivos:

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer

relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. (BECHARA, 2004, p.148)

Posteriormente,

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*. (BECHARA, 2004, p.149)

Nessa perspectiva, notamos que o grau dos adjetivos utilizado pelo autor do Diário da Navegação é peculiar do século XVI como expressa Paiva em seus estudos. Ao tratar da gradação, Bechara evidencia a existência de três tipos dessa gradação (*positivo, comparativo e superlativo*); porém detectamos no nosso *corpus* verbal – diário – apenas a existência do grau superlativo analítico. Provavelmente, a inexistência do grau superlativo sintético, no diário, seja devido ao fato de o sufixo *-íssimo* ser recente no século XVI.

Paiva afirma que

Os superlativos sintéticos ainda são raros mesmo na primeira metade do século XVI e, quando aparecem, de modo geral são empregados para reis, príncipes, grandes personagens. (PAIVA, 1988, p. 44)

Bechara diz:

O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. (BECHARA, 2004, p.149)

Quanto ao aspecto semântico, o superlativo sintético é mais enfático do que o superlativo analítico, distinguindo-se, assim, da linguagem coloquial em que muitas vezes utilizamos os advérbios para reforçar o grau superlativo analítico. Bechara exemplifica: “Ele é muito mais cuidadoso” (2004, p.149). Nesse caso, utilizou-se a repetição da palavra intensiva para enfatizar o superlativo absoluto.

Em relação ao tempo, Lopes (1964) descreve:

Quarta-feira 11 do dito mês nos deram muitas trovoadas; e de noite ao quarto da prima nos deu hũa trovoadá do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e água e relampados. (p.18)

Quinta-feira pela manhã nos fizemos á vela. [...] Era a cerraçam tamanha que fazia pouca diferença da noite ao dia [...] (p.38)

Quinta-feira 17 dias do mês de agosto [...] Aqui nesta ilha estivemos 44 dias: nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relâmpagos: e nestes dias nos nam ventaram outros ventos, senam desd’o sudoeste até o sul. (p.40)

O tempo no diário é descrito constantemente como ruim, repleto de chuvas e trovoadas; porém, ao chegar ao Porto das Naus, temos a descrição de um bom tempo. Observe:

Sesta-feira 27 de dezembro [...] Aqui estivemos nesta ilha 4 dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de Sam Vicente. (p.68)

Terça-feira 1º dia de janeiro partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do (sudeste). À noite se fez norte, e fizemos o caminho a leste toda a noite, **com bom vento**. (p.68, grifos nossos)

Quarta-feira 2 de janeiro pela manhã saltou o vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste; e á noite **acalmou o vento** [...] (p.68, grifos nossos)

Sábado 5 dias de janeiro **abonançou mais o tempo** e o mar; ao meo dia tomei o sol em 27 graos. (p.69, grifos nossos)

No Diário de Pero Lopes, é perceptível também a riqueza de orações adjetivas, levando-nos a pressupor ser uma característica da época. O número de orações adjetivas é maior que o de adjetivos. Certamente, o raríssimo uso de adjetivos seja uma característica, como dito em linhas anteriores, ou uma forma de o escritor demonstrar um grau de objetividade superior à subjetividade. Observe as transcrições abaixo (SOUSA, 1964):

[...] andamos em calma sem ventar bafo de vento, senam grande vaga de mar, que vinha do sudoeste [...] (p.14)

[...] e era hũa caravela e hum navio que vinham de pescaria [...] (p.15)

Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste [...] (p.44)

[...] e mandei cortar o cabo ao batel, que tinhamos por popa [...] (p.45)

[...] atravessava a nao o vento que era mui grande [...] (p.70)

Nos fragmentos acima, notamos a presença das orações subordinadas adjetivas, equivalentes às ideias da classe de palavras dos adjetivos. Essas orações acabam por qualificar o “sujeito” das sentenças, proporcionando ao leitor uma visualização do fato descrito.

Ao usar as orações subordinadas adjetivas, em seu documento de bordo, Pero Lopes de Sousa estava mostrando ao seu leitor, no caso o rei de Portugal, a riqueza da terra e o seu deslumbramento diante dela. Nessa perspectiva, os relatos narrados apresentam, por meio de orações subordinadas, a descrição de um lugar visto como um paraíso único.

Spina (1987, p. 12), em relação à língua portuguesa do século XVI, diz:

A riqueza de subordinadas (integrantes, explicativas, relativas, entremeadas de orações reduzidas) tornou entretanto o período empolado, fatigante, às vezes confuso, atropelado pelos *quês* (conjunção e pronome relativo). A prosa narrativa, sobretudo, torna muito evidente esse tipo de organização do período.

Na visão de Spina, as orações subordinadas adjetivas tendem a tornar o texto confuso devido ao excesso de “quês”. Todavia, o uso dessas orações era bastante comum na escrita do século XVI. Sendo assim, percebemos que o uso de orações subordinadas no Diário da Navegação vai ao encontro dos estudos realizados por Spina (1987) ao declarar que na língua portuguesa do século XVI havia a riqueza de subordinadas.

Gramaticalmente, detectamos em *Grammatica da Língua Portuguesa* alusão aos adjetivos nas orações, pois, por ser o primeiro gramático a tratar da sintaxe, João de Barros apresenta, em “Da construção”, a “concordância do nome substantivo com o adjetivo”.

Conforme Barros,

A dições que convém em número, gênero e caso são os nomes substantivos com seus ajectivos; per semelhante exemplo: Os homens bons.
[...] chamamos *relativo* àquela parte que faz lembrança de algum nome que fica atrás. E este tal se chama *antecedente*, per semelhante exemplos: *Os homens que amam a verdade folgam de a tratar em seus negócios*. Os *homens* estão aqui por antecedente deste *que*, o *qual* é relativo dos *homens* por fazer deles lembrança e relação. (BARROS, 1957, p. 7)

Ao tratar da “concordância do nome substantivo com o adjetivo” e do “nome relativo e antecedente”, em *Grammatica da Língua Portuguesa*, percebemos que João de Barros demonstra uma relação entre o substantivo e o adjetivo, pois afirma a existência da concordância entre essas classes quanto à flexão em gênero, número e grau. Diante dessa concordância, o gramático expõe que o relativo, por exemplo “*que*”, tende a concordar com o seu antecedente, no caso o substantivo.

Na concepção de Evanildo Bechara, as orações adjetivas são explicitadas como *orações complexas de transposição adjetiva*, pois a oração adjetiva pode ser representada por um adjunto adnominal, havendo uma equivalência semântica.

Segundo Bechara,

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerado como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em *A noite chegou*, pode, pelo fenômeno

de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade; (BECHARA, 2004, p.462)

Quanto ao uso do *que*, o gramático expõe:

O transpositor relativo *que*, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta. (BECHARA, 2004, p. 466)

Para Bechara, as orações subordinadas adjetivas têm o valor e a função próprios do adjetivo.

Considerações Finais

Na análise do Diário de Lopes foi preciso ter em mente as mudanças sócio-ideológicas culturais do homem quinhentista, pois nesse período os novos conhecimentos, aliados à nova visão de mundo do homem (teocentrismo-antropocentrismo), ampliaram os horizontes europeus e, conseqüentemente, desenvolveram a expansão marítima. No século XVI, Portugal e Espanha conquistaram territórios na América, África e Ásia. Devido a essas conquistas ultramarinas foram necessárias conquistas linguísticas, porém, só em 1536, Fernão de Oliveira publica a “primeira” gramática da Língua Portuguesa, data posterior ao diário.

Ao voltarmos a atenção para o Diário da Navegação, percebemos a sua importância como fonte documental. Sinteticamente, esse documento narra a viagem da frota de Martim Afonso, descrevendo ainda a luta entre os franceses e os portugueses pela disputa da terra. Indispensável para a história do país, sobretudo São Vicente, nele (diário) encontramos a descrição dos fatos num estilo direto. Lopes faz a exposição dos acontecimentos de forma direta e a mais objetiva possível, havendo apenas breves alusões às índias e ao êxtase dos portugueses diante da beleza da terra.

No âmbito linguístico, Lopes carregou, em sua narrativa, nas orações subordinadas adjetivas; porém, quanto aos adjetivos, notamos que são usados no grau superlativo, intensificando ainda mais as descrições explícitas no diário. Ao estudarmos a língua portuguesa do século XVI e correlacionarmos com os estudos do século XXI, verificamos as influências de cada época e as mudanças da língua.

Referências Bibliográficas

BARROS, João de. *Gramática da Língua Portuguesa*. Organizada por José Pedro Machado. 3. ed. São Paulo: PUC/SP, 1957.

BASTOS, Neusa M. O. Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Orgs.). *História Entrelaçada 3: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed.rev.e ampl. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia lingüística. In: *Revista da ANPOLL*, nº 2, p.47-70, 1996.

PAIVA, Dulce de Faria. *História da Língua Portuguesa – II. Século XV e meados do século XVI*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Jefferson Lucena dos. *Olhares sobre São Vicente: Um estudo da Historiografia Linguística confrontando as obras de Pero Lopes de Sousa e Benedito Calixto*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. 2007.

SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da Navegação*. Introdução de J.P.Leite Cordeiro. Notas do COMte. Eugênio de Castro. São Paulo: Editora Obelisco. 1964.

SPINA, Segismundo. *História da Língua Portuguesa – III. Segunda metade do século XVI e século XVII*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1987.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História Geral do Brasil – antes da sua separação e Independência de Portugal*. São Paulo: Edições Melhoramentos – MEC, 1975.